

REPORTAGEM ESPECIAL

Cadeia apícola apresenta recuperação após enchentes

Com uma estimativa de 11 mil toneladas de mel na atual safra, apicultura gaúcha busca voltar à liderança da produção nacional. Na Metade Norte, as abelhas são estratégicas para a polinização de lavouras de diferentes culturas, além de produzirem méis de alto valor e com Indicação Geográfica

Gabriel Eduardo Bortolini,
especial para o JC

Até poucos séculos atrás, o Brasil era povoado exclusivamente por abelhas indígenas — as meliponinas ou abelhas sem ferrão. De um veleiro vindo da Europa, no entanto, desembarcou uma nova espécie, que deu início à apicultura no País: as abelhas europeias do gênero Apis, com ferrão, trazidas em três colmeias pelo alemão Frederico Augusto Hannemann em meados do século XIX.

“Hannemann começou a trabalhar com elas em Rio Pardo, por isso a gente considera Rio Pardo como o berço da apicultura gaúcha”, conta Aroni Sattler, professor aposentado da Ufrgs que é uma das maiores autoridades em apicultura do País. Atualmente, coordena a Câmara Setorial da Apicultura e Meliponicultura da Secretaria da Agricultura, Pecuária, Produção Sustentável e Irrigação (Seapi).

“Mais tarde veio outra etapa importante, que foi a africanização da nossa apicultura. Isso foi praticamente um novo capítulo”, conta. O que ocorreu foi a introdução de uma nova subespécie — abelhas africanas — com o intuito de potencializar a produção de mel. Porém, enxames dessas abelhas escaparam acidentalmente, cruzaram com as abelhas europeias já existentes no País e originaram as chamadas abelhas africanizadas, que se espalha-

ram pelo continente.

“Em um primeiro momento, houve uma queda muito grande da atividade, porque a abelha africanizada era muito defensiva. Para quem não entende do assunto, dizem que ela é agressiva, mas na verdade ela é defensiva. Se deixar ela em paz, ela não incomoda ninguém”, explica Sattler.

Depois de um decréscimo acentuado da atividade por alguns anos, descobriu-se que com novas técnicas de manejo e segurança era possível trabalhar com a abelha africanizada. Hoje, conforme Sattler, a apicultura brasileira é majoritariamente baseada nessas abelhas.

Com o passar dos anos, a apicultura gaúcha também evoluiu. As colmeias se padronizaram e o que era antes uma cultura secundária dentro das propriedades passou a ganhar protagonismo.

“Nas últimas décadas, talvez nos últimos 20 ou 30 anos, parte da apicultura gaúcha passou a ser baseada também em grandes produtores. Hoje já existem apicultores com mais de mil colmeias. Conheço grupos familiares, irmãos trabalhando juntos, com até sete mil colmeias. Aí já é uma atividade empresarial, que exige investimento, conhecimento, formação e tecnologia”, reforça Sattler.

Leia mais nas próximas páginas >>



MARIA EUGÊNIA RIBEIRO/ EMBRAPA/DIVULGAÇÃO/JC